

O CINEMA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA: A EXPERIÊNCIA NA ESCOLA ESTADUAL PROF. EDERLINDO LANNES BERNARDES EM UBERLÂNDIA/MG

Fabiane Santana Previtali¹
Andréia Farina de Faria²
Elizeth Rezende Martins³
Vinícius Duarte Ferreira⁴
André Cavalcante⁵
Juliana de Araújo⁶

RESUMO: O objetivo geral deste texto é apresentar as experiências da utilização do cinema como um instrumento pedagógico capaz de propiciar aos estudantes de Ensino Médio uma experiência crítica diante de problemas fundamentais da modernidade, tendo como foco a formação política junto às escolas da rede pública de Uberlândia (MG), particularmente a Escola Estadual Prof. Ederlindo Lannes Bernardes. Os temas abordados foram “gênero” e “bullying” que nortearam a escolha dos filmes exibidos e, em seguida, os workshops. A metodologia foi fundamentada na pesquisa-ação, sendo que as atividades foram desenvolvidas no segundo semestre de 2010, no âmbito do Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação e Sociedade (GPTES), com apoio da FAPEMIG. Os resultados, ainda preliminares, demonstraram que é possível e de significativa importância a interface entre cinema e educação, no sentido de contribuir para a formação crítica dos sujeitos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Sétima Arte. Cinema e Educação. Formação política. Prática pedagógica.

The movie as a pedagogical practice: the experience at the State School Prof. Ederlindo Lannes Bernardes in Uberlândia/MG

ABSTRACT: The main purpose of this paper is to present the experiences of movie utilization as an educational tool capable of providing students with high school experience a critical view of the fundamental problems of modernity, with a focus on political education in the public schools in Uberlândia, Minas Gerais, particularly the State School Professor, Ederle Lannes Bernardes. The topics covered were gender and bullying that guided the choice of films shown and then the workshops. The methodology was based on action research, and activities were developed in the 2010 second semester under the Research Group Work, Education and Society – (GPTES) with support from Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). The results, although preliminary, demonstrated what is possible and of significant importance to the interface

¹ Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas, professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Educação da Universidade Federal de Uberlândia, coordenadora do Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação e Sociedade, pesquisadora FAPEMIG (fabianesp@netsite.com.br).

² Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás, membro do Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação e Sociedade, técnica administrativa na Universidade Federal de Uberlândia (andreiaffaria@hotmail.com).

³ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Uberlândia, membro do Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação e Sociedade (elizethrmbol.com.br).

⁴ Graduado em História pela Universidade Federal de Uberlândia, membro do Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação e Sociedade (vinicius.contorno@gmail.com).

⁵ Acadêmico do curso de História na Universidade Federal de Uberlândia, membro do Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação e Sociedade (andrelcavalcante@gmail.com).

⁶ Acadêmica do curso de Ciências Sociais na Universidade Federal de Uberlândia, bolsista de iniciação científica, membro do Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação e Sociedade (iusociais.ufu@gmail.com).

between movie and education in order to contribute to the critical formation of social subjects

KEYWORDS: Seventh art. Cinema and Education. Political training. Teaching practice

INTRODUÇÃO

O objetivo geral deste texto é apresentar um projeto de extensão que se utiliza do cinema como instrumento pedagógico para propiciar, aos estudantes de ensino médio, uma experiência crítica diante de problemas fundamentais da modernidade, tendo como foco a formação política nas escolas da rede pública de Uberlândia, Minas Gerais.

Os temas abordados, “gênero” e “bullying”, nortearam a escolha dos filmes exibidos e, em seguida, os *workshops*. A metodologia foi fundamentada na pesquisa-ação (THIOLLANT, 1986) e as atividades foram desenvolvidas no segundo semestre de 2010, no âmbito do Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação e Sociedade (GPTES), com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

Os resultados, ainda preliminares, demonstraram que é possível, e de significativa importância, a interface entre cinema e educação, no sentido de se contribuir para a formação crítica dos sujeitos sociais.

As atividades aqui relatadas fazem parte do projeto “Formação política pela Sétima Arte: o cinema enquanto prática pedagógica” (apoiado pela FAPEMIG). O texto trata da experiência vivenciada com, aproximadamente, 60 alunos do 2º ano do ensino médio matutino, durante o 2º semestre letivo de 2010. As atividades ocorreram na Escola Estadual Ederlino Lannes Bernardes, situada no Bairro Morumbi, região periférica da zona leste de Uberlândia, a 18 Km² do centro da cidade. Considerando tais aspectos, escolhemos a referida escola justamente pelo estigma de violência e criminalidade que o bairro carrega e transfere aos seus moradores. Essa marca pode ser facilmente percebida pela vivência dos pesquisadores na cidade, o que, por vezes, acaba por circunscrever a vida dos adolescentes apenas ao dia-a-dia do próprio bairro.

As nossas ações estiveram voltadas à ampliação e qualificação do envolvimento dos sujeitos sociais como produtores, reprodutores e detentores de ideais, ideologias, tradições, direitos e deveres, historicamente estabelecidos pelas diversas formas de manifestação social. Dessa forma, a construção de elos entre a atividade reflexiva e a realidade social visa afirmar a função social da universidade pública, fortalecendo a ação transformadora da prática extensionista sobre os problemas sociais e buscando estabelecer uma relação dialógica entre pesquisadores, estudantes e sociedade. Dito isso, apontamos algumas considerações a respeito da Sétima Arte que a configura como um instrumento de finalidades múltiplas.

Breves considerações sobre a Sétima Arte: as múltiplas visões e a reflexão pelas imagens

O cinema é uma arte que, por meio de imagens seriais, de um determinado uso do tempo e do espaço, oferece ao espectador, a priori, pela visão do cineasta, uma leitura da realidade (ALVES, 2006). Simultaneamente, e talvez por isso, o cinema utilizado como um recurso pedagógico é capaz de instigar e envolver os alunos, remodelando propostas e discussões que, de forma tradicional, nem sempre se tornariam interessantes ou significativas ao público em geral.

A linguagem cinematográfica, particularmente a abordagem relativa às heranças educativas, culturais e sociais, constituem temas de debate entre aqueles que procuram situá-lo entre as ciências humanas, particularmente no âmbito da educação. Associado ao aspecto realista (cinema documentário), à ficção (surrealista, expressionista), ou ainda, a mais recente manifestação do cinema-espetáculo, a Sétima Arte, assim como a indústria cinematográfica, vem obtendo cada vez mais destaque entre as manifestações culturais. É nesse sentido que o cinema pode ser considerado instrumento da prática pedagógica, pois possibilita inserir o interlocutor em uma realidade da qual não faz parte, influenciando sua concepção de valores morais e éticos.

Rodrigues (2003) afirma que o cinema apresenta, sempre, um discurso que almeja, necessariamente, expressar um sentido a ser encontrado em signos materiais que se manifestam no filme. Estes, por sua vez, incluem os significantes orais do filme, a linguagem utilizada e os significantes gráficos e artísticos dos mesmos. Os significantes se encontram justapostos e articulados de tal maneira a levar o interlocutor ao estabelecimento de diversas relações expressivas entre os elos que ligam todos os aspectos do filme. Dessa maneira, o material é capaz de exigir que o interlocutor se posicione ativamente diante da mensagem que lhe foi transmitida.

Para haver a compreensão mais abrangente do filme, é fundamental que o espectador esteja livre do que Rodrigues (2003) chama de “barreiras do entendimento”, criadas quando o mesmo se torna apenas um modo de diversão e não de desenvolvimento crítico. É, então, necessário que o espectador esteja aberto ao entendimento para que possa ser atingido pelas várias possibilidades comunicativas transmitidas pela imagem filmada.

Ao contrário do discurso linguístico, o discurso cinematográfico não se utiliza apenas da linguagem, mas também da exposição sucessiva de objetos que se transformam em signos a serem interpretados. Assim, um filme pode sugerir várias interpretações e sensações diferentes a cada vez que é assistido. Nesse sentido, buscando problematizar as temáticas em voga (gênero e *bullvinq*) e construir novas interpretações de mundo, a seleção dos recursos fílmicos usados pelo grupo abrangeu desde curta-metragem a seriados e propagandas de televisão.

Benjamin (1996) afirma que a expressão artística do cinema caracteriza-se pela “perfectibilidade”, pois, na produção cinematográfica, um indivíduo é capaz de orientar uma montagem perfeitamente adaptável ao que se deseja expressar e impecavelmente moldada aos objetivos de sua produção. O Cinema Novo, por exemplo, inaugurou no Brasil o comprometimento do cinema com a transformação social e política, buscando mostrar uma realidade que precisava ser modificada com a utilização, avulsa, dos elementos do pensamento marxista como pedagogia (algumas

vezes esquemática), muito discutida entre os intelectuais do período. A sua linguagem buscava chamar a atenção do espectador e demonstrar a necessidade de mudança. Essa utilização do cinema vai ao encontro da análise de Benjamin, que percebe a mudança no papel da arte, deixando de ser meramente uma obra e passando a ter uma representatividade política.

Duarte (2002) argumenta que o cinema desenvolve nas pessoas uma “competência de ver”, ou seja, uma disposição, valorizada socialmente, para apreciar e interpretar qualquer história contada em linguagem cinematográfica. As relações estabelecidas entre interlocutores e cinema são extremamente educativas, uma vez que a Sétima Arte é um espaço que produz relações de sociabilidade. O cinema exerce uma influência significativa sobre as concepções e visões de mundo dos indivíduos, considerando que muitas de suas percepções históricas foram e são marcadas por imagens cinematográficas. Dessa forma, as experiências culturais se associam à maneira como os sujeitos sociais assistem a filmes, produzindo saberes, crenças e visões de mundo.

Levando em consideração as abordagens acima, buscamos afirmar que se tornam cada vez mais necessárias ações inovadoras na educação, dado que, por meio da arte, os sujeitos sociais podem vir a conhecer, desenvolver e cultivar outras formas de sensibilidade. Assim, a crucial importância do cinema para o campo educacional é a sua natureza inerentemente ativa e reflexiva.

Por fim, entre prática e teoria, a execução das atividades do projeto objetivou: a) apresentar a Sétima Arte e o seu potencial de representação da sociedade; b) incentivar os participantes na prática política de construção da consciência de classe e conquista de direitos e cidadania em todas as esferas da vida social, principalmente, em âmbito local; c) preparar os estudantes para outras formas de apreensão, construção e entendimento da realidade social por meio da imagem, associando o uso da imagem à discussão da realidade sociocultural; d) exercitar a compreensão de diferentes visões de mundo, grupos e instituições, envolvendo a realidade local, nacional e internacional; e) capacitar os graduandos bolsistas envolvidos no uso didático-pedagógico da linguagem cinematográfica para o exercício de suas atividades como educadores.

METODOLOGIA

Partindo do pressuposto de o cinema ser constituinte da prática pedagógica, buscamos promover a reflexão crítica, evidenciando a estrutura narrativa dos materiais selecionados. Nessa perspectiva, Moran (2000) considera o filme um discurso em que o ver está associado ao falar e ao narrar. A fala aproxima o vídeo do cotidiano dos indivíduos, o narrador organiza, logicamente, as cenas e a narração falada une todo o processo. Também, Alves e colaboradores (2006) argumentam, nesse sentido, e afirmam que o cinema ou o vídeo são recursos midiáticos de mais alta relevância na prática política de construção da consciência de classe e da formação humana.

A metodologia e os respectivos procedimentos adotados para a realização do projeto estão fundamentados na prática da pesquisa participante, bem como na perspectiva da formação humana. Nesse sentido, no que compete aos aspectos organizativos, reuniões periódicas foram realizadas pela equipe executora, visando a interação, esclarecimentos e exposição do plano de trabalho.

por meio de cronograma de reuniões periódicas discutidas: a elaboração do roteiro de discussão sobre a temática abordada pelo filme/documentário: a definição da dinâmica a ser desenvolvida para os alunos de ensino médio: avaliação do debate e da dinâmica, após cada atividade na escola: elaboração e planejamento das oficinas e minicursos, sobretudo das ações a serem desenvolvidas no sentido de avaliar continuamente o projeto, de modo a rever possíveis alterações ou acréscimos.

No que diz respeito à execução, foram desenvolvidos dois módulos temáticos – a questão de gênero e o *bullving* – escolhidos previamente no grupo de pesquisa. Cada módulo foi composto de uma sessão de exibição dos recursos fílmicos, debates e *workshops*. O desenvolvimento de cada módulo temático contou com uma breve exposição da sinopse do filme/documentário/seriado, apresentando o tema e a linguagem fílmica. Dessa forma, a linguagem cinematográfica, para além do entretenimento, tornou-se um instrumento didático de aprimoramento das capacidades cognitivas do público envolvido. A exibição foi seguida de debate no intuito de socializar as diferentes opiniões e conflitos ideológicos entre os alunos, sendo essas discussões incitadas pela equipe executora.

Em todas as exibições, os alunos foram instigados a pensar criticamente sobre os filmes e, sobretudo, nas temáticas por eles abordadas, promovendo discussões abertas, de forma ampla, rica e dinâmica. Nesse sentido, o maior desafio foi o de mudar o método pedagógico praticado no cotidiano escolar no atual cenário educacional, por meio da utilização e inovação de outros recursos pedagógicos.

O uso do cinema como uma prática pedagógica de reflexão crítica mostrou-se enriquecedor não só para os alunos da escola, mas para todos os envolvidos, inclusive para os membros do grupo que planejaram as atividades e que, posteriormente, vivenciaram as questões levantadas pelos alunos, desenvolvendo uma bagagem teórica e prática comum às atividades de extensão, contribuindo para a formação dos mesmos como educadores.

Dessa forma, podemos afirmar que a execução do projeto contribuiu para as melhorias diante das atividades pedagógicas por meio da linguagem fílmica, sugerindo a apreensão de novos elementos que visam à formação política dos alunos, ultrapassando o processo de ensino e aprendizagem convencional. Assim,

observamos que o filme não pode ser considerado apenas um texto, objeto de interpretação hermenêutica, mas um pré-texto capaz de nos sugerir temáticas significativas para a auto-reflexão crítica. O filme é apenas um momento estético de um processo de totalização em aberto, de uma experiência crítica mais ampla. A relação que temos com o filme é sempre mediada pela nossa experiência existencial de classe e pelos recursos mental-cognitivos que possuímos (ALVES, 2004, p. 12).

Nas palavras de Pereira,

o cinema tem a potencialidade de transgredir os limites entre o real e o imaginário, ele reflete lutas, vitórias, derrotas, sonhos e esperanças, desvenda fantasias, angústias, iniusticas e felicidades refletidas de uma sociedade. Casa assim o real com o imaginário, estabelecendo uma relação de cumplicidade dentro e fora da tela com o espectador (PEREIRA, 2005, p. 1).

Gênero e *bullving* em cena

Nesse tópico, trataremos das temáticas trabalhadas durante o projeto, porém, não é nosso objetivo discuti-las em si, mas demonstrar como os recursos midiáticos selecionados, a prática dos *workshops* e a dinâmica adotada propiciaram uma vivência diferenciada no ambiente escolar, alcançando, em muitos aspectos, nossa proposta de reflexão crítica e de formação política por meio do cinema.

Durante as atividades na escola, foram desenvolvidas duas temáticas com os estudantes do 2º ano do ensino médio: a questão de gênero e a prática do *bullving* na escola. Primeiramente, os membros do grupo GPTES, participantes do projeto, explanaram os objetivos da prática extensionista na universidade pública, criando expectativas mútuas e valorizando os adolescentes presentes, fazendo um convite ao diálogo, fundamental para o que entendemos por ações coletivas, voltadas para a discussão e formação política dos sujeitos sociais envolvidos na atividade.

A partir do momento que pretendemos realizar ações de formação política em uma escola da região periférica de Uberlândia, não estamos mais lidando apenas com alunos do ensino médio, mas com uma realidade conflituosa. Faz-se necessário traçar um recorte de classe, atrelando-o à identidade destes jovens, visto que adolescentes da periferia enfrentam os mais diversos problemas presentes na maioria dessas regiões, gerando impacto em suas formações. Acreditamos ser importante frisar essa característica do público, pois tal especificidade é um elemento que problematiza o planejamento das atividades e que, de fato, mostrou-se presente durante a nossa vivência na escola, como trataremos a seguir.

Cumpramos ressaltar que, nas regiões periféricas, o desemprego, a falta de planejamento urbano, os altos índices de gravidez na adolescência, violência, uso e tráfico de drogas, assassinatos, roubos, furtos, falta de moradia e a pobreza, em geral, confrontam-se com o conteúdo moral hegemônico da sociedade, revelando explicitamente os conflitos sociais e a reprodução intensa de práticas deturpadas como, por exemplo, o machismo e a violência física e simbólica.

Nesse sentido, ao exibir o curta-metragem “Acorda, Raimundo”, tínhamos a intenção de desnaturalizar os papéis sociais historicamente estabelecidos na sociedade, iniciando o debate sobre a questão de gênero. Fundamentalmente, buscamos diferenciar os aspectos biológicos que definem o sexo, ou seja, ser homem ou ser mulher, dos modos culturais, ligados à forma como a sociedade cria os diferentes papéis sociais e os comportamentos relacionados à masculinidade e à feminilidade, de forma a naturalizá-los. Isto significa dizer que a questão de gênero tem uma ligação direta com a forma como estão organizados, na sociedade, valores, desejos e comportamentos acerca da sexualidade.

Questões que podem ser consideradas simples, como a distribuição desigual das tarefas domésticas entre os membros da família e a cultura tradicionalista, que reforçam essas mesmas funções sobre as mulheres, foram levantadas pelos estudantes mediante as inquietações provocadas pelo filme. A submissão histórica das mulheres foi abordada como relação de poder remetida às estruturas políticas da sociedade, no momento em que foi possível contextualizar os movimentos sociais, especificamente o movimento feminista, como uma ação direta dos sujeitos interessados pela busca de igualdade. A configuração de novas formas

de relações sociais entre homens e mulheres, que neguem o machismo, foi condicionada ao papel educador das múltiplas instituições sociais, evidenciando o papel transformador que os jovens em formação têm a cumprir no âmbito da família, da escola, do trabalho etc.

Buscamos demonstrar que o exercício da consciência política se faz necessário a todo instante em uma sociedade de tradição cultural patriarcal e machista. Ao exibirmos comerciais de televisão rotineiros – direcionados ao público masculino – que vulgarizam a figura feminina, evidenciamos os reflexos de uma aceitação natural do machismo, reforçado pela mídia conservadora. Nesse sentido, também foi possível problematizar a supervalorização e a criação de uma necessidade estética padronizada nos moldes capitalistas de mercantilização do corpo em detrimento da saúde física e mental, como o culto inconsequente da aparência física e um perfeccionismo de obrigação maioritariamente feminino.

Direcionando os temas e instigando as polêmicas que surgiram durante a discussão, foi possível identificar os questionamentos que o curta-metragem e os comerciais que ilustraram a questão de gênero geraram sobre os adolescentes, uma faixa etária em plena construção de si, afirmação e negação dos papéis sociais e das representações de mundo. Coletivamente, chegamos a formulações que sintetizaram uma cultura hegemônica formada por antigos preconceitos reproduzidos sob a forma de cultura e tradição, logo apontamos a necessidade de transformação dos papéis sociais que foram constituídos historicamente pela sociedade moderna.

Em outro momento, ao exibirmos dois episódios da série “Todo mundo odeia o Chris”, buscamos apresentar a violência física e simbólica presente na prática do *bullving* dentro do ambiente escolar, por meio do humor, com vistas a construir um diálogo mais amplo a respeito dos valores sociais hegemônicos sem banalizar ou instigar a violência na sociedade, mas buscando a sua problematização na escola, no bairro e na sociedade.

O seriado já era conhecido e valorizado pelos adolescentes, o que reforçou a atenção e a participação nas discussões, por exemplo, fazendo comparações das cenas assistidas ao cotidiano escolar. Compreendemos a prática do *bullving*, que é o exercício de hostilização do outro, seja por aspectos físicos ou culturais, como um fenômeno que cresce mundialmente, o que nos leva a relacionar a violência física e simbólica que ocorre na escola às manifestações de violência presentes nas demais esferas da vida social, contextualizadas pela crescente desigualdade, ideais liberais, indústria bélica e armamentista, mercantilização das relações e dos valores morais e sociais. Guardadas as proporções, o *bullving* foi apartado de explicações meramente behavioristas e referenciado como relação de poder, portanto, política.

Nesse sentido, o trabalho realizado criou caminhos para uma reflexão crítica que veio a contribuir com o ensino formal em sala de aula. Ao deixarmos de ver somente as imagens e passarmos a identificar o conteúdo ideológico, que nos é transmitido por determinados filmes, a respeito de diversas temáticas, tivemos a possibilidade de instigar nos jovens novas formas de percepção e de reflexão sobre a realidade na qual estão inseridos, transformando o papel de meros receptores de informação.

Assim, no âmbito das atividades propostas na escola, a formação política surge justamente pelos questionamentos construídos mediante discussões de novas ferramentas pedagógicas e oficinas.

Os workshons como espaço de formação: a vez e a voz dos atores reais

Os *workshons* ou oficinas de produção de texto e encenação, fanzine, música, relatos e filmagem resultaram em materiais referenciados nas principais ideias abordadas durante as discussões. Nesse momento, os conflitos se tornaram mais evidentes, pois, durante as oficinas a discussão, foram reinterpretados e elaborados diretamente pelos alunos.

O *workshop* que propôs a montagem de uma encenação foi direcionado ao potencial criativo dos estudantes, além de buscar identificação dos impactos referentes ao curta-metragem “Acorda, Raimundo” e sobre a questão de gênero em si. Orientou-se um novo desfecho à trama de acordo com debate realizado em sala. Essa oficina foi muito relevante, pois possibilitou efetivamente aos estudantes se posicionarem, criarem diálogos e significados com relação à temática em voga, além de refletirem sobre a realidade que os circunda, uma vez que percebemos que o machismo⁷ faz parte do cotidiano desses adolescentes. A oficina de teatro auxilia os jovens de forma importante na construção da reflexão crítica, pois, por meio de personagens criados pelos próprios alunos, eles podem expressar sua opinião e, principalmente, pensar politicamente formas de transformação social.

No *workshop* de música, os alunos compuseram duas canções com letras relativas à forma que se dá a relação entre os gêneros na sociedade. Foram elaboradas, em 45 minutos, aproximadamente, duas músicas devidamente letradas nos estilos Rap e Pop Rock. A experiência da oficina musical permitiu-nos observar que, mesmo habituados a uma realidade naturalizada machista, com decisivas determinações de classe – que tendem a limitar o acesso aos bens de consumo e a conhecimentos específicos e restritos a determinados grupos sociais hegemônicos – a capacidade criativa, na medida em que as condições dadas permitiam, prevaleceu sobre os entraves da materialidade. Assim, observamos uma estruturação rítmica muito interessante, harmonia e desenvoltura dos alunos que se mostraram comprometidos com a proposta da oficina.

O fanzine é um método de produção independente de textos e publicações com vários objetivos, desde trabalhos artísticos à reprodução de ideologias de coletivos organizados. O intuito de recorrermos ao fanzine foi o de viabilizar, de forma lúdica, o diálogo que anteriormente não existia. Portanto, ensinar a ler e a confeccionar fanzines é possibilitar ao aluno um meio de expressar suas idéias, de acordo com seu próprio universo cultural, combinando textos e imagens. Nesse sentido, a oficina de fanzine produziu alguns resultados que podem ser observados abaixo:

⁷ A expressão “machismo”, de acordo com o dicionário de língua portuguesa Houaiss (2008), significa um comportamento que tende a negar à mulher os direitos concedidos ao homem: atitude de machão.

Figura 1 – Fanzine produzido pelos alunos do 2º ano do Ensino Médio da E.E. Prof. Ederlino Lannes Bernardes



Fonte: Produção dos alunos.

O *workshop* de filmagens e relatos foi desenvolvido baseado no conhecido jogo da verdade. Esse, constituído de perguntas e respostas entre os alunos, levou a uma sequência de relatos que retrataram o *bullvinye* como uma prática corriqueira, além da ausência de espaços propícios para que estes assuntos sejam discutidos pela e na escola.

Ainda, foi possível perceber, analisando a avaliação escrita feita pelos jovens, que todas as questões discutidas fazem parte da realidade na qual estão inseridos, assim como outros temas sugeridos por eles para as próximas atividades como, por exemplo, drogas, gravidez na adolescência e desigualdade social.

Por fim, consideramos que as oficinas – realizadas em grupos menores, em média com dez estudantes cada – produziram espaços de maior confiança, interação e exposição de ideias, confirmando a prática oficinaira como um instrumento fundamental de continuidade autônoma da formação política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que um dos pontos fundamentais desse projeto foi o envolvimento dos alunos na construção da própria reflexão sobre os temas propostos pelo nosso grupo. Em muitos momentos, durante as discussões que acompanharam os trabalhos realizados, os relatos dos estudantes eram sempre no sentido de reafirmar que a escola não oferece espaço para discutirmos dessa maneira.

Não nos cabe, nesse texto, discutir os procedimentos didático-metodológicos utilizados pela rede pública de educação, mas foi interessante observar que existe um certo “vazio formativo” na expectativa dos alunos com relação ao espaço educacional que eles frequentam. Tais discussões, à

parte as considerações dos alunos, são temas de diversos trabalhos acadêmicos que procuram fazer novas propostas metodológicas que envolvem a produção e compreensão da relação professor-aluno-conhecimento. Convém, ainda, destacar as condições estruturais das escolas, tais como: condições de trabalho, baixos salários, rotatividade dos professores por falta de concursos públicos para o exercício da docência. Esses fatores acabam por dificultar a construção coletiva de projetos político-pedagógicos mais orgânicos e referenciados na realidade socioeconômica e cultural local.

Assim sendo, a proposta concretizada pelo grupo GPTES permitiu que esse “vazio formativo” fosse ocupado, ainda que por algumas horas. A interação dos alunos e a qualidade das reflexões produzidas nas oficinas demonstraram que a formação política é possível – e necessária – por meio das novas tecnologias para a educação. O debate é potencializado se partirmos de um ponto comum de análise – no caso, filmes, seriados, vídeos e comerciais – e se conseguirmos associar a reflexão crítica à construção do conhecimento.

Acreditamos que o espaço escolar precisa ser ocupado por esse tipo de iniciativa que tenha propostas diferenciadas e contribua com debates pertinentes para a sociedade. Nesse sentido, o GPTES tem buscado ampliar esse diálogo com pesquisas e ações concretas, fortalecendo a atuação da Universidade Federal de Uberlândia em bairros com grande carência de debate político e formativo.

A experiência que possibilitou o presente trabalho serviu para demonstrar que esse tipo de iniciativa precisa se tornar cotidiana dentro da universidade, visto que, em termos de formação, não há um sujeito central, uma vez que a universidade ganha e a sociedade é fortalecida pela prática extensionista.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos especialmente à diretora da Escola Estadual Ederlino Lannes Bernardes, Cristiane Bento de Castro, pela abertura e receptividade ao projeto, sem a qual seria impossível realizá-lo. A mesma nos deu total apoio e liberdade para a execução das atividades, confiando no GPTES.

Somos gratos, também, a todos os integrantes do GPTES que contribuíram para a realização dessa atividade: Ana Cecília, Hinuany, Eric, Deborah e Wellington.

Finalmente, agradecemos ao professor de sociologia Jorge Oliveira das Candongas que nos apresentou à escola.

REFERÊNCIAS

ALVES, G. et al (Org.). **Trabalho e Educação**: contradições do capitalismo global. Londrina: Práxis, 2006.

ALVES, G. **Cinema como experiência crítica** - a hermenêutica do filme. Disponível em: <<http://www.telacritica.org/>>. Acesso em: 19 de maio de 2010.

ALVES, G. **Trabalho e cinema**: o mundo do trabalho através do cinema. Marília: Práxis. 2006.

BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense. 1996.

DUARTE, R. A. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, J. M. et al. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus. 2000.

PEREIRA, O. D. **O filme como objeto de estudo das Ciências Sociais**. Disponível em: <<http://www.telacritica.org/>>. Acesso em: 14 mar. 2010.

RODRIGUES, N. Adeus Meninos: um discurso contra o esquecimento. In: TEIXEIRA, I. A. C: LOPES, J. S. (Orgs.). **A escola vai ao Cinema**. Belo Horizonte: Autêntica. 2003.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. Campinas: Autores Associados/Cortez. 1986.

Submetido em 30 de junho de 2011

Aprovado em 11 de agosto de 2011